

Deixando a música tocar*

Vitrola Psicanalítica — canções que tocam na análise
de Leonardo Luiz, Editora Via Lettera, 104p.

“Cadê o Léo, cadê o Léo, o Léo onde é que está?” — esta é a primeira canção que Leonardo Luiz nos toca em sua vitrola psicanalítica, e que vem se mostrar a cada página desse livro. Pergunta-se como a música pode ser um “agente” facilitador das associações livres. A mim, o livro parece ser um agente facilitador das associações de Luiz, pois todos os subtítulos são poéticos, metafóricos e evocativos — O método; Som, ruído e silêncio; Última estrofe, e assim outros seguem. Esses subtítulos apenas tocam nos assuntos a serem tratados, sem se mostrar claramente, deixando o leitor em suspense para debruçar-se na leitura.

Para respondê-la Luiz vai embrenhar-se pela teoria “tocando”, para usar uma palavra dele mesmo, em conceitos psicanalíticos de forma leve e prazerosa. Apresenta-os com grande maestria, sua linguagem é enxuta e precisa, Isso confere ao livro transito livre tanto entre profissionais da área psi como pessoas não ligadas à área. Sua forma de escrever é delicada e parece mais um “contar” do que um escrever. Apesar de ser originalmente um trabalho acadêmico, o autor tem liberdade com as palavras fazendo um texto com rigor, entretanto, sem o peso da linguagem acadêmica.

O título da obra *Vitrola Psicanalítica*, já nos informa que o autor sabe dos ruídos que interferem ao tocar nesse assunto, lembrando que a vitrola reproduz discos gravados analogicamente e por isso sujeitos a interferências, ao contrário do CD player que trabalha com sinal digital. Hanns na sua apresentação diz “pouco se fala de uma dimensão que permeia nosso cotidiano e nosso imaginário, a experiência musical. Talvez por se tratar de uma dimensão onde ocorre uma intensa condensação de linguagens” (orelha). Então, somos um povo imerso em uma cultura musical, transitamos por todos os gêneros — do popular ao erudito —, no entanto esse tema é pouco explorado.

A música por ser essa condensação de linguagem se presta aos mais variados usos, ainda mais dentro de uma sessão analítica. A possibilidade dela estar a serviço da resistência é real, e isso Luiz toma cuidado de deixar claro. Ele ressalta em uma nota de roda-pé, apontado outros rumos que a canção poderia levar. Mas com muito astúcia, o que Luiz nos apresenta é como as canções podem estar a serviço da elaboração psíquica do paciente, quando são escutadas pelo analista e este tomando-o como produto da análise convida o paciente a caminhar pelos meandros do inconsciente. Deixa que essas canções ecoem dentro do analista e assim sejam elementos transformadores na relação, como conta que foi com A., o paciente que ele traz logo de início, e no último fragmento, o uso evocativo da canção trabalhado no caso de Lucimar.

* Texto publicado na Pulsional Revista de Psicanálise, nº 187, ano XIX, 2006.

Assim como ele pensa o caráter evocativo da canção na análise, ele evoca Bollas, Lacan e Ogden para essa empreitada, mas também Wisnik, Mario de Andrade, Rita Ribeiro, Stravinsky entre outros. Isso faz com que circule por searas alheias da psicanálise mas que o ajudam na compreensão desse tema pouco explorado, como ressalta Naffah na apresentação.

No primeiro capítulo, Luiz apresenta os conceitos que julga serem pilares para esse trabalho. Começa apresentando conceitos freudianos tais como a associação livre e atenção flutuante, regra fundamental e depois traz outros conceitos como o lugar do analista e o terceiro analítico.

No segundo capítulo, o autor toma em consideração a experiência humana com a música. Ele traz a experiência primitiva do bebê com os órgãos dos sentidos — cheiro do leite e da mãe, o toque da mama no lábio — e assim, a audição da voz materna e as canções de ninar que fazem parte do repertório dessas primeiras experiências. Em seguida realiza uma incursão pela Antiguidade Clássica, para mostrar como a música estava entrelaçada com as outras manifestações artísticas: a literatura e, o teatro. Ou seja, a música não é apenas experiência materna, mas também cultural. No entanto, o autor é cuidadoso em delimitar seu campo, pois a música em geral poderia ser um elemento em si de pesquisa. É a canção popular que lhe interessa, isto é, a junção da letra com a melodia, e é Wisnik que vem auxiliá-lo nessa escolha. Diz ele “Salve o prazer e salve o cantor popular: ele passa um recado, que não é propriamente uma ordem, nem simplesmente uma palavra, nem uma palavra de ordem, mas uma pulsação que inclui um jogo de cintura. (...) A música popular é uma rede de recados” (Wisnik,1980:8).

No terceiro capítulo, Luiz vem tecer todos os fios que puxou nessa trama. Aqui, entendo, está o cerne de seu trabalho. Ele vem demonstrar como a música toca algo do indizível, ou seja, do irrepresentável, ganhando palavras, à princípio emprestadas, mas depois próprias. E tendo em vista que uma das funções da análise é contribuir na reconstrução da sua história, Luiz forja o conceito de co-autoria da canção no qual, o paciente é co-autor daquela canção trazida para a análise, pois nos diz Luiz “o ouvinte [paciente] se apropria daquilo para falar, pensar sobre a experiência em questão” (p.55). A música toca e é tocada.

No quarto capítulo, Luiz traz fragmentos clínicos que ilustram o uso da música como facilitador das associações livres. Apesar dos livros de psicanálise tradicionalmente usarem exemplos clínicos, esta sempre é uma tarefa difícil. Mas o autor apresenta-os com muita sensibilidade, mostrando os caminhos seguidos pelo par analítico, assim como o seu raciocínio sobre aquela canção. Nesse capítulo vamos nos deparar com a plasticidade da música, ou seja, o modo com que cada paciente usou-a. Ao invés de deixá-la de lado, usando o preconceito de ser uma defesa, o analista pode se aproximar de seu paciente e usá-la em favor da elaboração psíquica.

Assim, Vitrola Psicanalítica vem tocar em um tema pouco explorado com sensibilidade e rigor.